



Pe. Daniel Nascimento | Assistente Nacional

## FOI PELA **FÉ** QUE OS **ANTIGOS** FORAM **APROVADOS** (HB 11,2)



As festas dos “santos populares”, recheadas de arraiais e sardinhas, animadas por marchas e manjericos, entre outros elementos folclóricos e populares, não costumam passar ao lado da vida dos nossos agrupamentos. Ao refletirmos acerca do motivo destas festas, podemos-nos perguntar: o que é que estes três santos tão diferentes – António de Lisboa, um frade mendicante da Idade Média; João Baptista, um eremita do deserto da Judeia ao tempo de Jesus; e Simão Pedro, um pescador da Galileia chamado a ser discípulo de Jesus – podem ter em comum para justificar este epíteto de “populares”? É só uma coincidência, celebrarmos estes santos neste mês de início de verão, quando o tempo começa a estar bom para festas de rua? De certo modo, sim: são “santos populares” mais pelo nosso contexto local do que por uma característica unificadora destes três homens de duas épocas diferentes. Ainda assim, há pelo menos dois elementos da vida destes santos com os quais podemos ainda aprender algo.

O primeiro fator comum é que, como todos os santos, foram discípulos de Jesus. Pedro foi de forma mais óbvia um discípulo, mas também João, que batizou Jesus nas águas do Jordão, soube reconhecer a grandeza do Messias que encontrou, verdadeiro Cordeiro de Deus para tirar o pecado do mundo, de quem nem seria digno de desatar as sandálias (cf. Jo 1,27-29). Mas também António foi discípulo, se entendermos que esta palavra caracteriza todo aquele que

aceita Jesus como Mestre da sua vida, como Aquele que é caminho, verdade e vida. Aliás, a iconografia deste santo representa-o sempre com o Menino Jesus nos braços, sinal ternurento da devoção franciscana pelo mistério da Encarnação.

Um segundo elemento é o facto de todos merecerem o epíteto de “populares”. António, um grande pregador, teve tanto impacto no seu tempo que foi declarado santo pouco tempo depois da sua morte. Já Pedro, cujo nome (significa “pedra”, uma rocha que dá firmeza) aponta para a dimensão de liderança daquela primeira comunidade de seguidores de Jesus, veio a tornar-se o primeiro Papa, uma figura de grande influência na Igreja primitiva, apesar de todas as dificuldades que teve em “acertar o passo” (basta ler os Evangelhos). Também João não deixou de ter uma certa “popularidade” em vida, atraindo multidões às margens do Jordão, de tal forma que a sua voz se tornou relevante para a vida da corte do rei Herodes Antipas (cf. Mc 6,18-20).

Assim, os santos António, João e Pedro são santos “populares”, mas não populistas. Não vieram para manipular multidões, mas para dar a vida por elas. O “sucesso” junto das massas não se deveu a dizerem o que o povo queria ouvir; ao invés, foram ouvidos porque a sua palavra era confirmada com o testemunho da sua vida. Esta coerência de vida é hoje particularmente interpeladora! ■